

CORPO TRANS EM (DIS)CURSO: ENTRE A RESISTÊNCIA E A DES/ESTABILIZAÇÃO DE SENTIDOS

André Cavalcante¹

Muitas pesquisas sobre gênero estão sendo produzidas nas últimas décadas, concomitantemente com a expansão do diálogo desse tema na televisão brasileira, sobretudo em programas televisivos, novelas, reportagens, trabalhos artísticos, etc. Juntamente à discursividade das temáticas de gênero e de sexualidades não normativas é que este trabalho se insere junto à rede do (in)dizível sobre corpo e transexualidade. E, neste trabalho, apresento um recorte de minha pesquisa de doutorado em andamento, que tematiza a relação irreduzível entre corpo trans e resistência.

O corpo trans aqui não é visto pelo viés biológico, tampouco em um modelo binário pautado em pré-construídos sobre feminilidade e masculinidade, mas, sim, como uma construção discursiva que diz respeito a como estes corpos produzem sentidos na/pela linguagem. O corpo é atravessado pela linguagem, (se) significa e produz um estilhaçamento no ritual da interpelação ideológica do gênero e também na divisão sexual do trabalho, uma vez que os sujeitos-trans, ao se subjetivarem, produzem resistência por romperem com as normas pré-estabelecidas sobre seus corpos e sobre os sentidos impostos para que determinados gêneros possam/devam produzir.

Com a base teórica da Análise do Discurso em uma articulação com os estudos foucaultianos e os transfeministas, objetiva-se, mais especificamente, neste trabalho, compreender o funcionamento da resistência do/no corpo trans e sua relação com a (des)estabilização de sentidos. O *corpus* de pesquisa é composto de postagens de páginas de militância trans no Facebook e seus respectivos comentários. Neste momento, trago dois prints de matérias publicadas na página NLucon e um comentário de uma dessas publicações, que marca as regularidades desse espaço.

A análise do discurso com a qual se tem trabalhado no desenvolvimento dessa pesquisa é a materialista, uma vez que tal teoria compreende que a Ideologia como práticas materiais das relações de produção/reprodução das condições de existência. Assim, a Ideologia marca as relações dissimétricas de lutas de classes baseadas no complexo de desigualdade-subordinação-contradição das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2009 [1975])

Essa interpelação, “teatro da consciência”, uma vez que os sujeitos são já desde sempre interpelados pela ideologia, constitui os sujeitos e também os sentidos, pois não há como desvincular tais noções, produzindo evidência sobre estes de forma tal que os sujeitos pensam ser fonte dos sentidos e que controlam seus dizeres. (PÊCHEUX, 2009 [1975]) Assim, também podemos pensar que é a ideologia que

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, integrante do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF), do Núcleo de Estudos e Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV/UFPE), bolsista Nota 10 da FAPERJ. Contato: acbs.cavalcante@gmail.com.

produz evidências sobre o que é ser homem e o que é ser mulher através de já-ditos sedimentados no dizível.

É neste sentido que, para Pêcheux ([1983] 2015), a normatização dos sentidos se inicia na relação de cada um com seu próprio corpo e com seus “arredores imediatos”, no entanto, sujeitos e sentidos escapam à univocidade e, dessa maneira, a resistência, a produção do inesperado, da não normatização de sentidos, inicia-se a partir do próprio corpo, como podemos analisar no nosso *corpus*. Tal *corpus*, coletado entre 2016 e 2019, vindo de páginas de militância como NLUcon, será aqui analisado em sequências discursivas que representam a forma pela qual estes discursos entram emergem à discursividade no digital.

SD1²



Em SD1, estão presentes materialidades verbais em não-verbais. No plano imagético, há um grupo de jovens abraçados e felizes, tal disposição produz um efeito de união. Dois desses jovens estão sem camisa, mostrando o peito livre e com marcas de retirada das mamas. Tais cicatrizes delineiam, no corpo, uma memória de signos tidos como feminininos, que não estão lá, mas marcam que este passou por um procedimento cirúrgico. Tal procedimento é um gesto, um ato no nível do símbolo, que marca a transexualidade, e a resistência no/pelo corpo a não se submeter ao rito da interpelação ideológica do gênero. Este gesto é, como se inscreve na materialidade imagética, um desejo de outros sujeitos atravessado pela ideologia. Possivelmente os que estão de camiseta, binder (faixa para cobrir os seios) ou adesivos que visam apagar este símbolo que marca socialmente uma feminilidade, a qual estes homens

² <https://www.facebook.com/nlucon/posts/1688678847899655> acesso em 14/10/19

trans não se identificam e por isso, como marca a parte verbal da imagem « realizam vaquinha para custear cinco cirurgias no peitoral ».

Os corpos dos homens trans são, em grande parte das discursividades dessa temática, marcados pela interferência cirúrgica³ e por seus vestígios e irropem na discursivização como resistência por instaurarem, como apresenta Pêcheux ([1982] (1990), fissuras no ideológico a partir da produção de discursos não-dominantes.

Na SD2, por exemplo, também advinda da página de militância Nlucon, há também essa marcação do sujeito no corpo e na produção sentidos relativa a resistência em ser trans em uma sociedade transfóbica.

SD2⁴

O modelo Sam Porto, homem trans de 25 anos, fez história durante os desfiles do São Paulo Fashion Week, que ocorreu até esta sexta-feira (18), no Pavilhão das Culturas Brasileiras, em São Paulo.

Ele foi o recordista de desfiles da temporada – nove, para marcas como Ellus e Cavalaria - e usou um dos momentos de holofote para levantar a bandeira trans.

<http://nlucon.com/.../modelo-sam-porto-faz-historia-no-48o-s.../>



NLUCON.COM

Modelo Sam Porto faz história no 48º SPFW ao reivindicar Respeito Trans

650

20 comentários 95 compartilhamentos

Em SD2, há os seguintes dizeres sobre a matéria postada : « o modelo Sam Porto, homem trans de 25 anos, fez história durante os desfiles do São Paulo Fashion Week... ». Sam Porto desfila⁵ sem camisas,

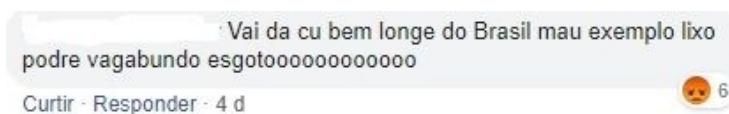
³ Vale ressaltar que as interferências cirúrgicas nos corpos não dizem respeito apenas aos corpos trans, mas a todos os corpos. Diversos sujeitos, independente da identificação de gênero, pode sentir o desejo em interferir no seu corpo. Há sempre um descompasso entre os sujeitos e o seu corpo, lugar do mal-estar social.

⁴ <https://www.facebook.com/nlucon/posts/2126207737480095> acesso em 24/10/2019.

⁵ Aqui chamamos a atenção para o fato que a moda produz um efeito de domesticação dos corpos, colocando alguns destes como o padrão para os desfiles. No entanto, um corpo trans estar nesse lugar produz uma possibilidade de leitura de que algo está em vias de mudança na estrutura social. Ou tais corpos já foram englobados pela lógica capitalista de trabalho?

outra vez se mostra as marcas da mamoplastia, além disso, no seu corpo se ins/escreve os dizeres « Respeito trans », que marcam duplamente essa resistência do/pelo corpo em se afirmar trans. Seja por mostrar as marcas corporais ou pelo enunciado de apelo ao respeito às pessoas trans. Dessa maneira, no simbólico, marca-se a resistência e isto inscreve-se nessas duas materialidades significantes. Esse apelo/chamado ao público nem sempre é correspondido, é o que se inscreve no espaço dos comentários da matéria, como em SD3.

SD3⁶



O espaço do comentário, como um procedimento de delimitação e controle do discurso (FOUCAULT, [1970] 2014), no qual os sujeitos se sentem livres para produzir seus discursos como se não se sentirem interpelados à posição autor destes discursos. Podemos encontrar o discurso de ódio e que, neste caso, confronta os discursos pró causa trans. Em SD3, como um dos exemplos dos discursos produzidos a partir da matéria a respeito do modelo trans, podemos ver o desrespeito a esses sujeitos em diversos xingamentos, como “vai da cu bem longe do brasil”, “mau exemplo”, “lixo” “podre”, “vagabundo”, “esgoto”, esses excertos do enunciado materializado em SD3, revelam não só uma desidentificação com aquela forma de subjetivação, mas também uma tentativa de apagamento dessa existência material que se inscreve em um discurso de violência simbólica, gerando um mal-estar na vivência dos sujeitos-trans e na sua circulação no urbano.

Sobre essa socialização das pessoas trans na sociedade, Araruna (2018) diz

Habitar o concreto e o invisível da cidade é captar suas tripas, camadas e tecidos simbólicos e culturais que concretizam as nossas relações e encontros cheios de banalidade. Com isso, pensando na imensidão da malha urbana como corpo heterogêneo e sempre em construção, sustento a importância da realização de transformações políticas guiadas por coletividades marginalizadas, com o propósito de promulgar novos horizontes de interação comprometidos com a diversidade dos corpos e com a mobilidade segura e saudável dos mesmos. (ARARUNA, 2018, p.149)

Para a autora, portanto, na malha urbana, os corpos trans são tratados com banalidade, junto à invisibilidade que desconsidera corpos heterogêneos e em construção. Assim, é necessária uma maior interferência do Estado em relação a essas coletividades marginalizadas para que outras formas de socialização e de mobilidade para as pessoas trans na sociedade sejam possíveis. Dessa maneira, corpos e sujeitos trans serão apenas uma forma diferente de subjetivar-se e que diz respeito a como a ideologia não interpela os sujeitos da mesma maneira.

⁶ Comentário referente à SD2. Mesmo link e data de acesso.



REFERÊNCIAS

ARARUNA, M. L. F. B. O direito à cidade em uma perspectiva travesti: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos. In: *Periódicus*, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr. 2018 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. (1982). Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. brasileira de José Horta Nunes. *Cad. Est. Ling.*, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.

PÊCHEUX, M. (1983) *O discurso*: Estrutura ou acontecimento. 7ª ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.